

ROTEIRO PARA O PROFESSOR

Caro professor,

Além da edição dos textos integrais de algumas das melhores e mais reconhecidas obras das literaturas brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** oferecem ao professor amplo material de apoio didático para o trabalho em sala de aula.

Cada obra traz em seu corpo o seguinte conteúdo:

- **Texto integral;**
- **Diários de um Clássico;**
- **Contextualização Histórica;**
- **Entrevista Imaginária.**

Além disso, o leitor recebe, encartado no exemplar:

- **Suplemento de Atividades.**

E o professor, em seu exemplar ofertado, encontra ainda:

- **Suplemento de Atividades com respostas e orientações;**
- **Projeto Leitura e Didatização.**

O PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO é um material didático bastante consistente, configurando um grande diferencial para os **CLÁSSICOS SARAIVA**.

A seguir, relacionamos cada uma dessas seções, além do texto integral da obra, definindo-as:

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO

Após a leitura, o aluno mergulha nos DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO, que oferecem um roteiro pormenorizado de algumas abordagens possíveis para cada livro:

- **Por Dentro da Obra:** Uma abordagem inusitada da obra.
- **Na Intimidade do Autor:** Aspectos da vida do autor.
- **Navegando pelo Contexto Literário:** Sua obra no panorama literário da época.

- **Passeando pela Cidade:** Cenas da cidade do escritor.
- **Conhecendo a Obra:** Análise de alguns pontos estruturais da obra, como:

- Narrador;

- Personagens;

- Foco narrativo;

- Estrutura;

- Espaço;

- Linguagem;

- Outras questões específicas da obra.

- **Expressões Artísticas:** Adaptação da obra por outras artes.

- **Obras:** Lista das obras do autor.

276

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Painel de textos selecionados que dizem respeito a algumas características de estilo da obra e também ao seu contexto histórico e artístico, ajudando a construir um panorama da época e do ambiente cultural, histórico e literário em que o autor viveu.

ENTREVISTA IMAGINÁRIA

Simulação de uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida, com perguntas e respostas imaginadas.

SUPLEMENTO DE ATIVIDADES

Encarte com atividades para o aluno responder, dividido nos seguintes tópicos:

- **Uma Obra Clássica:** atividades sobre a obra e seu valor literário.
- **Narrativa:** atividades sobre a história.
- **Narrador:** atividades sobre o tipo de narrador, sobre o foco narrativo.
- **Personagens:** atividades sobre o protagonista e outros personagens de destaque.
- **Intertextualidade:** atividades sobre possíveis relações da obra com outros gêneros ou tipos de texto.
- **Contextualização Histórica:** atividades enfocando os trechos selecionados na seção específica do livro.
- **A Nova do Cadáver – A sua Entrevista Imaginária:** atividade de produção de texto na qual o aluno simula a sua própria entrevista com o autor.

PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

277

É uma proposta dialógica para o trabalho com literatura, desenvolvida a partir de pressupostos oferecidos pelo professor William Cereja. São traçados possíveis dialogismos entre a obra lida e outras obras afins, sejam elas da literatura brasileira ou estrangeira, contemporâneas ou não.

No PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO, o professor encontra uma série de questões e orientações de modo a garantir o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribuir para uma reflexão sobre a literatura e a cultura em momentos diversos, proporcionando situações de intenso trabalho e prazer de aprender em sala de aula.

Esse projeto é apresentado mais adiante, para o professor, de forma completa, com orientações e respostas das atividades. Para o aluno, o PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO está disponível no *site* dos **CLÁSSICOS SARAIVA** (www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva).



PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

Caro professor,

O PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO é uma proposta alternativa de ensino de literatura, baseada nos pressupostos apresentados por William Cereja em seu Ensino de literatura – Uma proposta dialógica para o trabalho com literatura (Atual, 2005). Neste Projeto, atividades de leitura de textos literários e não-literários são formuladas para o aluno, acompanhadas de discussões e justificativas teórico-metodológicas que permitem ao professor compreender não apenas por que fazer diferente o ensino da literatura, mas também como fazer.

279

Este Projeto didatiza e organiza uma proposta dialógica de ensino de literatura, de forma que se possa garantir o desenvolvimento de habilidades de leitura e contribuir para uma reflexão sobre a literatura e a cultura em momentos diversos.

Um curso de literatura não se constrói apenas com atividades específicas de leitura, mas também com uma série de outras interações, mediadas por textos literários e não-literários, por textos didático-expositivos, por linguagens verbais e não-verbais etc. Assim, as atividades apresentadas a seguir apenas indicam um ponto de partida para uma abordagem dialógica da literatura.

Apresentamos respostas previstas para as questões, a fim de que possam ser avaliadas por completo, para que seja possível

verificar sua pertinência e as habilidades de leitura demandadas em cada uma delas.

O PROJETO da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi desenvolvido por **Davi Fazzolari**, professor de literatura da rede particular de ensino em São Paulo, mestre em Literatura Portuguesa pela USP.

Mas lembre-se:

1. *Este Projeto é abrangente e não precisa, necessariamente, ser trabalhado de forma integral. Componha-o dentro de seu plano de aula, conforme seus interesses e as necessidades de seus alunos, explorando uma, duas ou mais leituras.*

2. *O texto integral do PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO de cada obra dos **CLÁSSICOS SARAIVA** está disponível no site www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva. Lá, o professor e/ou o aluno poderão copiar o Projeto, sem as orientações e sem respostas previstas, naturalmente.*

Bom trabalho!

PROJETO LEITURA E DIDATIZAÇÃO

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS MACHADO DE ASSIS

Dialogismos possíveis

1. Realismo, realidade e ficção (Leitura 1)
I – Paternidade e transmissão hereditária em terra de escravos
2. Mágoa, pessimismo e morte: máscaras da posteridade (Leitura 2)
I – A indesejada das gentes
II – Não ser, eis a questão do herói machadiano
III – A morte não envelhece
3. Cientificismo, digressões e *flânerie*¹ na periferia do capitalismo (Leitura 3)
I – A rua e o caminhar sem saber até onde
II – Os devaneios cientificistas
III – Pois toma lá o embrulho misterioso

281

LEITURA 1

REALISMO, REALIDADE E FICÇÃO

Estilo do final do século XIX, o Realismo tomou por base a observação atenta do entorno social para desenvolver seus principais pensamentos e sistematizar conceitos ao modo da Filosofia. Foi desse olhar mais acurado que essa estética ganhou seu nome. Um olhar que cuidava das ações exteriores do homem, mas que se interessava mais pelos caminhos interiores da espécie. A descrição do desejo não revelado, as necessidades contrárias na infância, as tradições morais em conflito constante com a consciência formaram boa parte da “matéria realista”.

¹ Do francês, quer dizer flunar, vagar sem destino, perambular.

Aos poucos o Realismo foi se mostrando, se não o precursor, o menos o período que mais exercitou, na Literatura, até aquele momento, recursos conceituais e de linguagem que ainda perduram nas letras artísticas dos países que seguiram sua trilha. E, talvez graças a Machado de Assis, o Brasil seja um desses países. O uso freqüente da metalinguagem e a ficcionalização do leitor e da leitura estão entre as estratégias realistas mais conhecidas. Machado de Assis, contudo, como veremos, foi além e investiu tanto em um olhar severo para os relacionamentos da burguesia incipiente brasileira, que nem sempre é conveniente classificar sua obra como realista e, por isso, muitas vezes no Brasil lê-se mais a expressão “literatura machadiana”.

I – PATERNIDADE E TRANSMISSÃO HEREDITÁRIA EM TERRA DE ESCRAVOS

282 O entorno brasileiro da segunda metade do século XIX revela, no cerne de sua organização social, o escravismo e suas conseqüentes segregações, sendo a mais nítida, a segregação racial.

Os primeiros textos de nossa leitura crítica aproximam, em um diálogo interno, dois momentos das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Leremos também um importante poema do romântico abolicionista Castro Alves e ainda uma página do naturalista Aluísio Azevedo, extraída de seu célebre *O cortiço*. Mantenha a atenção e desenvolva suas interpretações a partir das respostas que oferecer aos questionamentos propostos.

TEXTO 1

CAPÍTULO XI. O MENINO É PAI DO HOMEM

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia – algumas vezes gemendo –, mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um “Ai, Nhonhô!”, ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!”. Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que as orações, me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores;

mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: “Ah! Brejeiro! Ah! Brejeiro!”

Sim, meu pai adorava-me. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa – caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa. Meu tio cônego fazia às vezes alguns reparos ao irmão; dizia-lhe que ele me dava mais liberdade do que ensino, e mais afeição do que emenda; mas meu pai respondia que aplicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado; e por este modo, sem confundir o irmão, iludia-se a si próprio.

De envolta com a transmissão e a educação, houve ainda o exemplo estranho, o meio doméstico. Vimos os pais; vejamos os tios. Um deles, o João, era um homem de língua solta, vida galante, conversa picaresca. Desde os onze anos entrou a admitir-me às anedotas reais ou não, eivadas todas de obscenidade ou imundície. Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão; com a diferença que este fugia logo que ele enveredava por assunto escabroso. Eu não; deixava-me estar, sem entender nada, a princípio, depois entendendo, e enfim achando-lhe graça. No fim de certo tempo, quem o procurava era eu; e ele gostava muito de mim, dava-me doces, levava-me a passeio. Em casa, quando lá ia passar alguns dias, não poucas vezes me aconteceu achá-lo, no fundo da chácara, no lavadouro, a palestrar com as escravas que batiam roupa; aí é que era um desfiar de anedotas, de ditos, de perguntas, e um estalar de risadas, que ninguém podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa. As pretas, com uma tanga no ventre, a arregañar-lhes um palmo dos vestidos, umas dentro do tanque, outras fora, inclinadas sobre as peças de roupa, a batê-las, a ensaboá-las, a torcê-las, iam ouvindo e redargüindo às pilhérias do tio João, e a comentá-las de quando em quando com esta palavra:

– Cruz, diabo!... Este sinhô João é o diabo!

Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha muita austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era homem que visse a parte substancial da Igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepeles, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéia; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as inculcar, de as impor aos outros.

Não digo nada de minha tia materna, D. Emerenciana, e aliás era a pessoa que mais autoridade tinha sobre mim; essa diferenciava-se grandemente dos outros; mas viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos. Outros parentes e alguns íntimos não merecem a pena de ser citados; não tivemos uma vida comum, mas intermitente, com grandes claros de separação. O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada – vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Saraiva, 2008. (Clássicos Saraiva).

1. Logo no início do capítulo, a descrição do protagonista é elaborada a partir de elementos que revelam a estratégia do discurso científico da época.

a) Destaque do texto trechos que apresentam o crescimento de Brás Cubas.

“Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância”.

b) Destaque as expressões que descrevem Brás Cubas na meninice.

“menino diabo”; “dos mais malignos do meu tempo”; “arguto”; “indiscreto”; “traquinas”; “voluntarioso”; “opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens”.

c) Destaque, agora, ações que expõem as características psicológicas do menino Brás Cubas.

286 “um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce ‘por pirraça’; e eu tinha apenas seis anos”; “eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele (Prudêncio) obedecia — algumas vezes gemendo —, mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um “Ai, Nhonhô!”, ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!”; “Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez”; “entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade”.

2. Há, na cena descritiva do protagonista, uma outra criança.

a) De quem se trata?

De um garoto chamado Prudêncio.

b) Destaque elementos do texto que possam descrevê-lo.

“Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio”.

c) De que modo a presença dessa segunda criança revela a sociedade da época?

Prudêncio serve a Brás Cubas como um brinquedo vivo. Ao chamar Cubas de “Nhonhô”, modo como os escravos referiam-se aos seus proprietários, revela sua condição de escravo e o ambiente escravocrata brasileiro de época.

3. Já a partir de seu título, o capítulo explora os métodos empregados domesticamente na educação do protagonista.

a) O que significa, dentro do contexto, a expressão “Ah! Brejeiro! ah! Brejeiro!”

Trata-se do modo como o pai referia-se a Brás Cubas quando este praticava alguma maldade. É uma expressão de incentivo que demonstra a educação de pouca repreensão e de excessos na proteção e exaltação da criança.

b) Qual terá sido a intenção de Brás Cubas, quanto à sua educação, ao descrever sua mãe da seguinte maneira: “Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração...” ?

Sendo fraca e de pouco cérebro não interferiu racionalmente na formação do caráter do protagonista. Parece ter lidado apenas com o lado mais emocional, como pode ser lido em “muito coração”.

287

4. Quem, afinal, exercia autoridade sobre o protagonista, em sua infância?

Segundo o relato do narrador-personagem, apenas uma tia, Dona Emerenciana, que teria vivido pouco tempo com a família.

5. Depois de reler o capítulo com cuidado, elabore uma hipótese para justificar o título “O menino é o pai do homem”.

Professor, a resposta é pessoal. É bom garantir, contudo, que os alunos percebam no jogo de palavras uma indicação sobre as conseqüências de uma educação que não impõe qualquer limite ao menino.

TEXTO 2

CAPÍTULO LXVIII. O VERGALHO

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-me um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: “Não, perdão meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

– Toma, diabo! – dizia ele –; toma mais perdão, bêbado!

– Meu senhor! – gemia o outro.

– Cala a boca, besta! – replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio – o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

– É sim, Nhonhô.

– Fez-te alguma coisa?

– É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

– Está bom, perdoa-lhe – disse eu.

– Pois não, Nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjeturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas – transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da

antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Saraiva, 2008. (Clássicos Saraiva).

6. Por quais transformações sociais Prudêncio passou, do capítulo XI para o capítulo LXVIII?

Prudêncio foi alforriado, passou de escravo para ex-escravo, e de propriedade para proprietário, já que adquiriu um escravo para si.

7. Retire da fala de Prudêncio, já na fase adulta do capítulo LXVIII, expressões que registram a vida de Prudêncio na infância.

“Cala a boca, besta!” era justamente a expressão que Brás Cubas usava para Prudêncio quando este reclamava qualquer coisa no papel de cavalo do menino branco. Em sua nova fase, utiliza tal expressão contra um outro escravo. Além disso, continua chamando Brás Cubas de “Nhonhô” e obedecendo-lhe prontamente, como demonstra o episódio.

289

8. Se é evidente que Prudêncio modificou sua condição social de uma fase a outra da vida, é possível dizer o mesmo de sua condição psicológica?

Não, o comportamento de Prudêncio revela a submissão já enraizada em sua constituição psicológica.

9. Por que, em sua opinião, Prudêncio repete no outro o sofrimento que recebeu na infância?

Resposta pessoal. Professor, esta é uma boa oportunidade de explorar com os alunos as investigações da psicologia sobre o comportamento humano e o que será, no início do século XX, o caminho traçado por Sigmund Freud para o desenvolvimento da psicanálise.

Duas décadas antes de Machado de Assis produzir a mais relevante página realista brasileira, Castro Alves, ainda dentro da estética romântica, escreveu um dos poemas abolicionistas mais populares até os dias de hoje. Nele retratou o transporte de escravos, uma das mais trágicas faces do sistema escravista.

TEXTO 3 O NAVIO NEGREIRO (FRAGMENTOS)

IV

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

290

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doidas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
 Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
 Faz doidas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram – crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na *cabana*
Cisma da noite nos véus...
... Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...

[...]

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!

Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

[...]

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio, Musa... Chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

293

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélogo profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

10. Segundo o Canto IV do Texto 3, como era realizada a seleção de africanos para servirem de escravos, no Brasil? Destaque trechos que confirmem sua resposta.

Segundo o Canto IV não havia qualquer tipo de seleção: homens, mulheres, crianças e velhos eram trazidos indistintamente para o Brasil como se lê em “Legiões de **homens** negros como a noite”; “Negras **mulheres**, suspendendo às tetas/ Magras **crianças**, cujas bocas pretas”; “Outras **moças**, mas nuas e espantadas”; “Se o **velho** arqueja, se no chão resvala,/ Ouvem-se gritos... o chicote estala”.

11. Ainda segundo o Canto IV, em que condições os africanos eram trazidos ao país? Destaque trechos que confirmem sua resposta.

Segundo o Canto IV, os africanos eram trazidos ao Brasil em condições desumanas como se lê em “No turbilhão de espectros arrastadas,”; “Presas nos elos de uma só cadeia / A multidão faminta cambaleia, /E chora e dança ali! /Um de raiva delira, outro enlouquece, /Outro, que martírios embrutece, /Cantando, geme e ri!”.

294

12. O Canto V aproxima-se de um gênero textual comum no ambiente religioso. De qual gênero se trata?

O Canto V parece aproximar-se de uma prece, ao evocar a figura de Deus em “Senhor Deus dos desgraçados!”

13. “Senhor Deus”, “Musa”, “mar” e alguns outros elementos da natureza são os interlocutores do Canto V. Quem responde ao eu poético o questionamento estabelecido na primeira estrofe desse canto?

Quem responde ao eupoético é a Musa (elemento mítico de inspiração comum nas epopéias e sagas escritas em versos).

14. O Canto VI acusa a bandeira do navio de acobertar a cena “dantesca” que se vê. A qual nacionalidade pertence, afinal, a bandeira? Retire do poema um verso que comprove sua resposta.

Trata-se da bandeira brasileira como se lê nos versos: “Auriverde pendão de minha terra, /Que a brisa do Brasil beija e balança,”

15. É possível ler, em algum momento do poema de Castro Alves, algum tratamento semelhante, exercido ou sofrido por Prudêncio nos Textos 1 e 2?

Quando escravo, Prudêncio apanhava de Brás Cubas com uma vara; quando liberto passou a exercer a violência física contra um escravo seu. No poema de Castro Alves é nítida a agressão física em vários momentos. Alguns exemplos podem ser lidos nos versos: “Ouvem-se gritos... o chicote estala” ou “Vibrai rijo o chicote, marinheiros!”.

Dez anos após o surgimento de *Memórias póstumas*, outro romance despertaria a atenção do leitor brasileiro crítico. Dentro do que se convencionou chamar Naturalismo, Aluísio Azevedo descreveria uma das mais nítidas páginas acerca do tratamento dado aos escravos no país. Na cena que destacamos a seguir, o protagonista João Romão permite a prisão de Bertoleza a quem tratava, ao menos para os olhos dela, como esposa e dela servia-se como dono. Para dar um salto social, no entanto, João Romão precisa casar-se com alguém que tenha lastro com a burguesia local, o que só será possível quando se livrar de Bertoleza. Leia com atenção.

295

TEXTO 4

O CORTIÇO - CAPÍTULO XXIII (FRAGMENTOS)

À porta de uma confeitaria da Rua do Ouvidor, João Romão, apurado num fato novo de casimira clara, esperava pela família do Miranda, que nesse dia andava em compras.
[...]

Mas a família do barão surgiu afinal. Zulmira vinha na frente, com um vestido cor de palha justo ao corpo, muito elegante no seu tipo de fluminense pálida e nervosa; logo depois Dona Estela, grave, toda de negro, passo firme e ar

severo de quem se orgulha das suas virtudes e do bom cumprimento dos seus deveres. O Miranda acompanhava-as de sobrecasaca, fitinha ao peito, o colarinho até ao queixo, botas de verniz, chapéu alto e bigode cuidadosamente raspado. Ao darem com João Romão, ele sorriu e Zulmira também; só Dona Estela conservou inalterável a sua fria máscara de mulher que não dá verdadeira importância senão a si mesma.

O ex-taverneiro e futuro visconde foi, todavia, ao encontro deles, cheio de solicitude, descobrindo-se desde logo e convidando-os com empenho a que tomassem alguma coisa.

[...]

E faiscavam-lhe os olhos no seu inveterado entusiasmo por tudo que cheirasse à farda. Vieram logo as anedotas análogas; o Miranda contou um fato idêntico que se dera vinte anos atrás e Botelho citou uma enfiada deles interminável.

Quando se levantaram, João Romão deu o braço a Zulmira e o barão à mulher, e seguiram todos para o Largo de São Francisco, lentamente, em andar de passeio, acompanhados pelo parasita. Lá chegados Miranda queria que o vizinho aceitasse um lugar no seu carro, mas João Romão tinha ainda que fazer na cidade e pediu dispensa do obséquio. Botelho também ficou; e, mal a carruagem partiu, este disse ao ouvido do outro, sem tomar fôlego:

– O homem vai hoje, sabe? Está tudo combinado!

– Ah! vai? – perguntou João Romão com interesse, estacando no meio do largo. – Ora graças! Já não é sem tempo!

– Sem tempo! Pois olhe, meu amigo, que tenho suado o topete! Foi uma campanha!

– Há que tempo já tratamos disto!...

– Mas que quer você, se o homem não aparecia?... Estava fora! Escrevi-lhe várias vezes, como sabe, e só agora consegui pilhá-lo. Fui também à polícia duas vezes e já lá voltei hoje; ficou tudo pronto! mas você deve estar em casa para entregar a crioula quando eles lá se apresentarem...

– Isso é que seria bom se se pudesse dispensar... Desejava não estar presente...

– Ora essa! Então com quem se entendem eles?... Não! tenha paciência! é preciso que você lá esteja!

– Você podia fazer as minhas vezes...

– Pior! Assim não arranjamos nada! Qualquer dúvida pode entornar o caldo! É melhor fazer as coisas bem-feitas! Que diabo lhe custa isto?... Os homenzinhos chegam, reclamam a escrava em nome da lei, e você a entrega – pronto! Fica livre dela para sempre, e daqui a dias estoura o champa-nha do casório! Hein, não lhe parece?

– Mas...

– Ela há de choramingar, fazer lamúrias e coisas, mas você põe-se duro e deixe-a seguir lá o seu destino!... Bolas! não foi você que a fez negra!...

– Pois vamos lá! creio que são horas.

– Que horas são?

– Três e vinte.

– Vamos indo.

E desceram de novo a Rua do Ouvidor até ao ponto dos bondes de Gonçalves Dias.

– O de São Clemente não está agora – observou o velho.

– Vou tomar um copo d’água enquanto esperamos.

Entraram no botequim do lugar e, para conversar assentados, pediram dois cálices de conhaque.

– Olhe – acrescentou o Botelho –; você nem precisa dizer palavra... faça como coisa que não tem nada com isso, compreende?

– E se o homem quiser os ordenados de todo o tempo em que ela esteve em minha companhia?...

– Como, filho, se você não a alugou das mãos de ninguém?!... Você não sabe lá se a mulher é ou era escrava; tinha-a por livre naturalmente; agora aparece o dono, reclama-a e você a entrega, porque não quer ficar com o que lhe não pertence! Ela, sim, pode pedir o seu saldo de contas; mas para isso você lhe dará qualquer coisa...

– Quanto devo dar-lhe?

– Aí uns quinhentos mil-réis, para fazer a coisa à fidalga.

– Pois dou-lhos.

– E feito isso, acabou-se! O próprio Miranda vai logo, logo, ter com você! Verá!

Iam falar ainda, mas o bonde de São Clemente acabava de chegar, assaltado por todos os lados pela gente que o esperava.

Os dois só conseguiram lugar muito separados um do outro, de sorte que não puderam conversar durante a viagem.

[...]

Ao chegarem a casa, João Romão pediu ao cúmplice que entrasse e levou-o para o seu escritório.

– Descanse um pouco... – disse-lhe.

– É, se eu soubesse que eles se não demoravam muito ficava para ajudá-lo.

– Talvez só venham depois do jantar – tornou aquele, assentando-se à carteira.

Um caixeiro aproximou-se dele respeitosamente e fez-lhe várias perguntas relativas ao serviço do armazém, ao que João Romão respondia por monossílabos de capitalista; interrogou-o por sua vez e, como não havia novidade, tomou Botelho pelo braço e convidou-o a sair.

– Fique para jantar. São quatro e meia – segredou-lhe na escada.

Já não era preciso prevenir lá defronte porque agora o velho parasita comia muitas vezes em casa do vizinho.

O jantar correu frio e contrafeito; os dois sentiam-se ligeiramente dominados por um vago sobressalto. João Romão foi pouco além da sopa e quis logo a sobremesa.

Tomavam café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

– Vou já – respondeu este. E acrescentou para o Botelho: – São eles!

– Deve ser – confirmou o velho.

E desceram logo.

– Quem me procura?... – exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

– Está aqui com efeito... – disse afinal o negociante. – Pensei que fosse livre...

– É minha escrava – afirmou o outro. – Quer entregá-la?...
ma?...

– Mas imediatamente.

– Onde está ela?

– Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sinal aos dois urbanos, que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativoiro.

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

– É esta! – disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. – Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Saraiva, 2008. (Clássicos Saraiva).

16. Aproxime as descrições de Bertoleza e de Prudêncio disponíveis nos textos anteriores e apresente as semelhanças e diferenças da linguagem utilizada pelo texto realista e pelo texto naturalista.

As duas descrições aproximam as personagens de animais. “Cavalo” e “besta” para Prudêncio; “Anta”, para Bertoleza. No caso da obra de Aluísio Azevedo, contudo, Bertoleza, aos olhos do narrador, age como o animal anunciado enquanto, na obra de Machado de Assis, Prudêncio submete-se aos caprichos de seu proprietário.

300

17. Compare as condições sociais de Prudêncio e de Bertoleza, em relação ao sistema escravocrata da época.

Prudêncio foi, de fato, alforriado enquanto, ao que parece, Bertoleza teria sido falsamente alforriada.

18. Investigando psicologicamente as duas personagens aqui comparadas, qual delas, em sua opinião, conseguiu, de fato, libertar-se da condição de escravo, a partir da opção que fez no desenrolar das narrativas?

Professor, o mais importante é levar o aluno a estabelecer um texto coerente sobre o assunto. Será mais libertador tornar-se inatingível para o proprietário, ainda que por intermédio do suicídio, ou tentar viver a experiência do ex-proprietário, vingando-se em um semelhante, como fez Prudêncio ao adquirir um escravo e surrá-lo publicamente?

19. Voltemos, agora, ao título do texto 1, “O menino é pai do homem”. Desenvolva um pequeno texto reflexivo, levando em consideração as causas e conseqüências estudadas nas questões anteriores e as seguintes proposições:

- a) É possível afirmar que o menino do título é Prudêncio.
 - b) Prudêncio pode ser uma personagem alegórica, ou seja, pode estar no lugar de um setor da sociedade que se desenvolveria a partir daquele fim de século XIX.
 - c) Os comportamentos de Brás Cubas e de Prudêncio podem ser o exercício das causas de conseqüências a que assistimos hoje, em diversos setores da sociedade do século XXI.
- Texto reflexivo-opinativo desenvolvido pelo aluno.

LEITURA 2

MÁGOA, PESSIMISMO E MORTE: MÁSCARAS DA POSTERIDADE

301

O pessimismo com o qual Brás Cubas desenvolve sua narrativa autobiográfica, na original estratégia de Machado de Assis, é sustentado por uma série de dissabores vividos por ele ao longo de sua “vida terrena”, apesar das ironias, com sobras de arrogância e tom de superioridade, que emprega muitas vezes em suas digressões. Sendo um defunto-autor como se define logo no início do romance, o tema da morte está em evidência desde a primeira página.

Observar a vida do lado de fora libera o narrador-personagem para toda ordem de devaneios, dos mais líricos aos mais ácidos. Por outro lado, Brás Cubas está limitado a contar o que já aconteceu, sem qualquer possibilidade de interferir nas ações narradas. Aos poucos descortina, para o bom leitor, uma sucessão de amarguras tecidas pela retomada das cenas da vida e da natural investigação promovida pelo texto memorialista.

I – A INDESEJADA DAS GENTES

A curiosíssima dedicatória elaborada para abrir as reflexões irônicas do narrador-defunto pode funcionar como chave de interpretações. Vejamos.

TEXTO 5

AO VERME QUE PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES
DO MEU CADÁVER DEDICO COMO SAUDOSA
LEMBRANÇA ESTAS
MEMÓRIAS PÓSTUMAS

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Saraiva, 2008. (Clássicos Saraiva).

1. A quem normalmente se dedica uma obra?

Normalmente a obra é dedicada a alguém estimado pelo autor.

302

2. A quem Brás Cubas dedicou suas memórias?

A um verme.

3. O que esse tipo de dedicatória pode revelar sobre a personalidade do defunto-autor?

Sua linguagem irônica, seu desprezo pela humanidade, certa frieza no trato com a vida.

Augusto dos Anjos (1884-1914), poeta que produziu boa parte de sua obra contemporaneamente a Machado de Assis, destacou-se, entre outras coisas, por usar a linguagem científica — muito em voga naqueles tempos —, em benefício da leitura ácida que produziu acerca do ambiente social. No soneto a seguir, Augusto dos Anjos apresenta uma curiosa transposição entre vida e morte. Leia com cuidado.

TEXTO 6 A ETERNA MÁGOA

O homem por sobre quem caiu a praga
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há o que traga
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe
É que essa mágoa infinda assim, não cabe
Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerte;
E quando esse homem se transforma em verme
É essa mágoa que o acompanha ainda!

303

ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Disponível em:
<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/content/view/full/1584>>.
Acesso em: 3 jul. 2008.

4. De que homem trata o poema de Augusto dos Anjos?
De nenhum homem especificamente e ao mesmo tempo de todos. É o homem sinônimo de humanidade.
5. Extraia uma palavra do texto que o aproxima naturalmente da dedicatória registrada no texto 5.
A palavra “verme” é empregada nos dois textos com a mesma intenção, que é a de revelar a morte pelo seu aspecto físico.
6. O eu lírico sutilmente elabora uma hipótese para a fé.
Retire-a dos versos.
A fé nasce onde há necessidade de consolo como se lê em “Não

crê em nada, pois, nada há o que traga /Consolo à Mágoa, a que só ele assiste”.

7. Em que medida a visão elaborada pelo eu lírico do poema “A eterna mágoa” é próxima da visão de quem redigiu a dedicatória de *Memórias póstumas*?

As duas são visões pessimistas sobre o destino da humanidade. Não há qualquer saída que não seja desesperançosa.

Outro escritor da virada do século que desenvolveu a temática fúnebre da qual tratamos nesta parte de nossa leitura crítica foi Lima Barreto. Viveu entre 1881 e 1922, tendo nascido, portanto, no ano da publicação das *Memórias póstumas* e falecido no ano em que se marcou o início do Modernismo no Brasil. A publicação, em 1921, de *O elogio da morte*, texto que destacamos a seguir, fará o caminho inverso daquele traçado pelo Brás Cubas e analisará a morte a partir da vida, como é mais natural à nossa espécie.

TEXTO 7 ELOGIO DA MORTE

Não sei quem foi que disse que a Vida é feita pela Morte. É a destruição contínua e perene que faz a vida.

A esse respeito, porém, eu quero crer que a Morte mereça maiores encômios. É ela que faz todas as consolações das nossas desgraças; é dela que nós esperamos a nossa redenção; é ela a quem todos os infelizes pedem socorro e esquecimento.

Gosto da Morte porque ela é o aniquilamento de todos nós; gosto da Morte porque ela nos sagra. Em vida, todos nós só somos conhecidos pela calúnia e maledicência, mas, depois que Ela nos leva, nós somos conhecidos (a repetição é a melhor figura de retórica) pelas nossas boas qualidades. É inútil estar vivendo, para ser dependente dos outros; é inútil estar vivendo para sofrer os vexames que não merecemos.

A vida não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. Quando, porém, não se pode conseguir isto, a Morte é que deve vir em nosso socorro. A covardia mental e moral do Brasil não

permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nos pareceres. Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com o dinheiro e os títulos. A agitação de uma idéia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco.

Estou cansado de dizer que os malucos foram os reformadores do mundo.

Le Bon dizia isto a propósito de Maomé, na sua *Civilisation des Arabes*, com toda a razão; e não há Chanceler falsificado e secretária catita que o possa contestar.

São eles os heróis; são eles os reformadores; são eles os iludidos; são eles que trazem as grandes idéias, para melhoria das condições da existência da nossa triste Humanidade.

Nunca foram os homens de bom senso, os honestos burgueses ali da esquina ou das secretarias “chics” que fizeram as grandes reformas no mundo.

Todas elas têm sido feitas por homens, e, às vezes mesmo mulheres, tidos por doidos.

A divisa deles consiste em não ser panurgianos e seguir a opinião de todos, por isso mesmo podem ver mais longe do que os outros.

Se nós tivéssemos sempre a opinião da maioria, estaríamos ainda no Cro-Magnon e não teríamos saído das cavernas.

O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para a própria felicidade da espécie humana.

Entretanto, no Brasil, não se quer isto. Procura-se abafar as opiniões, para só deixar em campo os desejos dos poderosos e prepotentes.

Os órgãos de publicidade por onde se podiam elas revelar são fechados e não aceitam nada que os possa lesar.

Dessa forma, quem, como eu, nasceu pobre e não quer ceder uma linha da sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte.

Ela é a grande libertadora que não recusa os seus benefícios a quem lhe pede. Ela nos resgata e nos leva à luz de Deus.

Sendo assim, eu a sagro, antes que ela me sagre na mi-

nha pobreza, na minha infelicidade, na minha desgraça e na minha honestidade. Ao vencedor, as batatas!

Publicado originalmente na revista *Careta*, em 18 de agosto de 1921

BARRETO, Lima. *Marginália*. Disponível em:

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/content/view/full/1884>>.

Acesso em: 3 jul. 2008.

8. Logo no início do texto, Lima Barreto retoma um conceito explorado por Augusto dos Anjos, no Texto 6. Trata-se do consolo. Compare as concepções dos dois autores para o tema.

Os dois autores vêem a consolação de modos diferentes. Para Augusto dos Anjos, nem a morte traz consolo à mágoa produzida pela vida, enquanto para Lima Barreto a morte traz consolo aos que sofrem.

9. O terceiro parágrafo fala sobre o gosto pela Morte e sobre a inutilidade da vida.

a) Por que o cronista diz gostar da Morte?

Pelo que se lê no terceiro parágrafo, o cronista vê na Morte a possibilidade de sagração e liberdade em relação às atribulações e injustiças da vida.

b) Em que situação considera a vida inútil?

A vida é inútil, para o cronista, quando para exercê-la admite-se a dependência.

c) Qual seria a utilidade da vida?

Resposta pessoal. O que mais importa é perceber a acidez do autor que associa a vida a sua utilidade prática como se fosse um objeto funcional.

10. O quarto parágrafo promove uma comparação entre vida e Morte. Leia-o com atenção e responda:

a) Por que faz-se a opção pela Morte?

A opção pela Morte não parece ser a primeira opção feita. Só se afirma a opção pela Morte quando a vida não pode ser uma vitória.

b) A opção pela Morte é motivada pelo mesmo pessimismo que se lê no Texto 5?

As motivações são diferentes. A dedicatória, no texto 5, é fria e fatalista, enquanto no Texto 7 a Morte é recurso para um tipo de vida.

c) É possível ler nesse parágrafo a mágoa apresentada no Texto 6?

É possível. Veja-se, por exemplo, a seguinte passagem: “A covardia mental e moral do Brasil não permite movimentos de independência; [...] Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência”.

II. Aproxime a opção pela morte elaborada por Lima Barreto da opção pela morte que se lê no Texto 4.

a) Em que as motivações por tais mortes é semelhante?

São opções pela liberdade e pela negação de uma vida indesejada. No caso de Bertoleza, a condição de escrava; no caso do cronista, ter a opinião negada.

307

b) Em que se diferenciam?

A primeira é física enquanto a sugerida por Lima Barreto pode ser lida como simbólica, tratando-se mais da morte intelectual.

Segundo os dicionários, a palavra “consoada” pode ser lida como pequena refeição noturna que se toma antes de adormecer. Parece ser a sugestão de metáfora para a chegada da morte, feita pelo modernista Manuel Bandeira (1886-1968), para quem a Indesejada não chegou tão cedo, afinal.

TEXTO 8 CONSOADA

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroaível),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
– Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2001.

308

12. Destaque do poema os qualificativos utilizados pelo eu lírico para evocar o interlocutor.

Indesejada das gentes, iniludível.

13. A vida e a morte, no poema, não são indicadas por palavras diretas, mas por metáforas. Indique-as:

Para vida, o eu lírico utiliza dia e para morte, noite.

14. Que elemento une os Textos 5, 6 e 7, quanto à concepção da morte e que os distancia do Texto 8?

No texto de Manuel Bandeira não se lê o registro da mágoa provocada em vida que se lê nos demais textos.

II - NÃO SER, EIS A QUESTÃO DO HERÓI MACHADIANO

A segurança do narrador das *Memórias póstumas de Brás Cubas* permite ao leitor concluir que não assumir qualquer atividade profissional mais regular, durante a vida, conferiu ao protagonista uma espécie de levitação social, condição que parece ter acompanhado esse “defunto-autor” para além

da tumba. De qualquer modo, em algumas passagens, Brás Cubas parece observar-se no espelho e retomar momentos de decisão que poderiam ter mudado toda sua trajetória no mundo. Acompanhem os alguns desses momentos.

TEXTO 9 CAPÍTULO LIX. UM ENCONTRO

Deve ser um vinho enérgico a política, dizia eu comigo, ao sair da casa de Lobo Neves; e fui andando, fui andando, até que na Rua dos Barbonos vi uma sege, e dentro um dos ministros, meu antigo companheiro de colégio. Cortejamos afetuosamente, a sege seguiu, e eu fui andando... andando... andando...

“Por que não serei eu ministro?”

Esta idéia, rútila e grande – trajada ao bizarro, como diria o Padre Bernardes –, esta idéia começou uma vertigem de cabriolas e eu deixei-me estar com os olhos nela, a achar-lhe graça. Não pensei mais na tristeza de Lobo Neves; senti a atração do abismo. Recordei aquele companheiro de colégio, as correrias nos morros, as alegrias e travessuras, e comparei o menino com o homem, e perguntei a mim mesmo por que não seria eu como ele. Entrava então no Passeio Público, e tudo me parecia dizer a mesma coisa. “Por que não serás ministro, Cubas?” “Cubas, por que não serás ministro de Estado?” Ao ouvi-lo, uma deliciosa sensação me refrescava todo o organismo. Entrei, fui sentar-me num banco, a remoer aquela idéia. E Virgília que havia de gostar! Alguns minutos depois vejo encaminhar-se para mim uma cara, que não me pareceu desconhecida. Conhecia-a, fosse donde fosse.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
São Paulo: Saraiva, 2008. (Clássicos Saraiva).

15. Destaque do Texto 9 a expressão que reitera a dúvida do narrador.

Por que não serás ministro?

16. De que imagem se vale o narrador para anunciar a possível mudança?

Atração do abismo.

17. O que reforça a idéia proposta pela possibilidade de transformação na vida de Brás Cubas?

A possibilidade de fazer Virgília gostar da decisão: “E Virgília que havia de gostar!”.

Esse estágio entre o sim e o não foi tema freqüente na obra do português Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), poeta contemporâneo de Fernando Pessoa. Diferentemente do personagem-autor de Machado de Assis, o eu lírico do poema “Quase” lamenta o seu estado inconcluso.

TEXTO 10 QUASE

310

Um pouco mais de sol – eu era brasa,
Um pouco mais de azul – eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe d’asa...
Se ao menos eu permanecesse alguém...

Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído
Num baixo mar enganador d’espuma;
E o grande sonho despertado em bruma,
O grande sonho – ó dor! – quase vivido...

Quase o amor, quase o triunfo e a chama,
Quase o princípio e o fim – quase a expansão...
Mas na minh’alma tudo se derrama...
Entanto nada foi só ilusão!

De tudo houve um começo... e tudo errou...
– Ai a dor de ser-quase, dor sem fim...
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se enlançou mas não voou...

Momentos d'alma que desbaratei...
Templos aonde nunca pus um altar...
Rios que perdi sem os levar ao mar...
Ânsias que foram mas que não fixei...

Se me vagueio, encontro só indícios...
Ogivas para o sol – vejo-as cerradas;
E mãos d'herói, sem fé, acobardadas,
Puseram grades sobre os precipícios...

Num ímpeto difuso de quebranto,
Tudo encetei e nada possuí...
Hoje, de mim, só resta o desencanto
Das coisas que beijei mas não vivi...

.....
.....

Um pouco mais de sol – e fora brasa,
Um pouco mais de azul – e fora além.
Para atingir, faltou-me um golpe d'asa...
Se ao menos eu permanecesse alguém...

311

SÁ-CARNEIRO, Mario de. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

18. A palavra “quase” anuncia, em dado momento do poema, os objetivos inalcançáveis pelo eu lírico. Revele-os, destacando os versos do poema que esclarecem isso.

O **grande sonho** – ó dor! – quase vivido.../ Quase o **amor**, quase o **triunfo** e a **chama**,/ Quase o **princípio** e o **fim** – quase a **expansão**...

19. Dentro do contexto de não realizações por parte do eu lírico, explique o verso “Rios que perdi sem os levar ao mar...”

Trata-se, evidentemente, de um verso metafórico em que se rompe a natureza das coisas. O rio que não foi levado ao mar é como um desejo que não atinge seu objetivo natural, um plano que não se realiza.

20. Explique o “ser-quase” à luz das “asas” presentes no poema.

Em “Asa que se enlançou mas não voou...” há a confirmação de “faltou-me um golpe d’asa”. É como afirmar um instrumento destituído de sua função natural. Ter asas e não voar é o princípio do paradoxo.

21. Aproxime as duas visões sobre o tema da não-realização desenvolvidas no texto 9 e no texto 10, quanto ao olhar construído pelos dois.

A principal diferença é de ordem emocional. O texto de Mário de Sá-Carneiro trata o tema de modo a expor suas frustrações, enquanto Brás Cubas se mantém sereno e explora o tema de modo leve, sem mágoas aparentes.

III – A MORTE NÃO ENVELHECE

312

O último capítulo é um balanço da vida. A linguagem é a mesma do universo contábil, quando uma loja verifica perdas e ganhos durante o ano, sendo a mercadoria, contudo, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a própria vida.

TEXTO 11 CAPÍTULO CLX. DAS NEGATIVAS

Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediarão os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do *Emplasto Brás Cubas*, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
São Paulo: Saraiva, 2008. (Clássicos Saraiva).

22. No último capítulo a visão sobre as não-realizações da vida está mais próxima do texto 9 ou do texto 10?

A visão sobre o tema está muito mais próxima do olhar apresentado pelo eu lírico de Sá-Carneiro, quando Brás Cubas chama suas não realizações de “negativas” e de “faltas” como se lê em: “Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas...”.

23. Em um jogo de falsa contabilidade com os episódios da vida, separe como bons (“fortunas”) ou ruins (“faltas”) os acontecimentos da vida do defunto-autor Brás Cubas, conforme a opinião dele.

Ruins: “Não alcancei a celebridade do emplasto”; “não fui ministro”; “não fui califa”; “não conheci o casamento”.

Bons: “não comprar o pão com o suor do meu rosto”; “não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba”; “não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

24. Tomando por base o poema “Quase”, é possível acreditar que o poeta Mário de Sá-Carneiro disporia os episódios da vida do mesmo modo que Brás Cubas?

Pelo modo como lamenta as não-realizações, é possível imaginar que a “tabela” não seria a mesma.

25. Em sua opinião, o eu lírico do poema “Quase” classificaria o “pequeno saldo” da mesma forma que fez Brás Cubas? Professor, a opinião, evidentemente, pertence a cada aluno. É uma questão que apenas faz com que o jovem leitor exerça a busca pela intencionalidade do autor no que se refere à coerência das personagens que cria.

LEITURA 3

314

CIENTIFICISMO, DIGRESSÕES E FLÂNERIE NA PERIFERIA DO CAPITALISMO

Ainda que Brás Cubas não descreva, com detenção, suas caminhadas pela cidade do Rio, ao chegar ao fim das *Memórias póstumas* qualquer leitor atento fica com a sensação de ter caminhado muito ao lado do protagonista. O modo como conduz a narrativa, “como os bêbados” (capítulo “O senão do livro”), é, talvez, a digressão que lemos em: “Eis-nos a caminhar sem saber até onde, nem por que estradas escusas; problema que me assustou, durante algumas semanas, mas cuja solução entreguei ao destino”, do capítulo “Destino”.

O livre caminhar dos pensamentos durante a exibição da trama é a mais original característica formal do romance. Nos deteremos, um pouco, nessa estratégia a partir também de outros olhares para a mesma questão. Leia os textos propostos com bastante cuidado, levando em consideração o que se afirmou no início destes exercícios de leitura crítica: “o Realismo tomou por base a observação atenta do entorno social para desenvolver seus principais pensamentos e sistematizar conceitos ao modo da Filosofia. Foi desse olhar mais

acurado que essa estética ganhou seu nome. Um olhar que cuidava das ações exteriores do homem, mas que se interessava mais pelos caminhos interiores da espécie”.

I – A RUA E O CAMINHAR SEM SABER ATÉ ONDE

José de Alencar (1829-1877), o maior nome de nosso Romantismo, não chegou a ler a saga de Brás Cubas, mas professou a rua como palco de digressões e desenvolvimento intelectual.

TEXTO 12 AO CORRER DA PENA (DOIS FRAGMENTOS) CRÔNICAS PUBLICADAS NO *CORREIO MERCANTIL* E NO *DIÁRIO DO RIO* ENTRE 1854 E 1855

Rio, 29 de outubro

Quando estiverdes de bom humor e numa excelente disposição de espírito, aproveitai uma dessas belas tardes de verão como tem feito nos últimos dias, e ide passar algumas horas no Passeio Público, onde ao menos gozareis a sombra das árvores e um ar puro e fresco, e estareis livres da poeira e do incômodo rodar dos ônibus e das carroças.

Talvez que, contemplando aquelas velhas e toscas alamedas com suas grades quebradas e suas árvores mirradas e carcomidas, e vendo o descuido e a negligência que reina em tudo isto, vos acudam ao espírito as mesmas reflexões que me assaltaram a mim e a um amigo meu, que há cerca de um ano teve a habilidade de transformar em uma semana uma tarde no Passeio público.

Talvez pensareis como nós que o estrangeiro que procurar nestes lugares, banhados pela viração da tarde, um refrigerio à calma abrasadora do clima deve ficar fazendo bem alta idéia, não só do passeio como do público desta corte.

[...]

Contudo parece-me que o estado vergonhoso do nosso Passeio Público não é unicamente devido à falta de zelo da parte do governo, mas também aos nossos usos e costumes,

e especialmente a uns certos hábitos caseiros e preguiçosos, que têm a força de fechar-nos em casa dia e noite.

Nós que macaqueamos dos franceses tudo quanto eles têm de mau, de ridículo e de grotesco, nós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para transformar-nos em bonecos e bonecas parisienses, ainda não nos lembramos de imitar uma das melhores coisas que eles têm, uma coisa que eles inventaram, que lhes é peculiar e que não existe em nenhum outro país a menos que não seja uma pálida imitação: a *flânerie*.

Sabeis o que é a *flânerie*? É o passeio ao ar livre, feito lenta e vagarosamente, conversando ou cismando, contemplando a beleza natural ou a beleza da arte; variando a cada momento de aspectos e de impressões. O companheiro inseparável do homem quando flana é o charuto; o da senhora é o seu buquê de flores.

O que há de mais encantador e de mais apreciável na *flânerie* é que ela não produz unicamente o movimento material, mas também o exercício moral. Tudo no homem passeia: o corpo e a alma, os olhos e a imaginação. Tudo se agita; porém é uma agitação doce e calma, que excita o espírito e a fantasia, e provoca deliciosas emoções.

A cidade do Rio de Janeiro, com seu belo céu de azul e sua natureza tão rica, com a beleza de seus panoramas e de seus graciosos arrabaldes, oferece muitos desses pontos de reunião, onde todas as tardes, quando quebrasse a força do sol, a boa sociedade poderia ir passar alguns instantes numa reunião agradável, num círculo de amigos e conhecidos, sem etiquetas e cerimônias, com toda a liberdade do passeio, e ao mesmo tempo com todo o encanto de uma grande reunião.

Não falando já do Passeio Público, que me parece injustamente votado ao abandono, temos na Praia de Botafogo um magnífico *boulevard* como talvez não haja um em Paris, pelo que toca à natureza. Quanto à beleza da perspectiva, o adro da pequena igreja da Glória é para mim um dos mais lindos passeios do Rio de Janeiro. O lanço d'olhos é soberbo: vê-se toda a cidade à *vol d'oiseau*, embora não tenha asas para voar a algum cantinho onde nos leva sem querer o pensamento.

Mas entre nós ninguém dá apreço a isto. Contanto que se vá ao baile do tom, à ópera nova, que se pilhem duas ou três constipações por mês e uma tísica por ano, a boa sociedade se diverte; e do alto de seu cupê aristocrático lança um olhar de soberano desprezo para esses passeios pedestres, que os charlatães dizem ser uma condição da vida e de bem-estar, mas que enfim não têm a agradável emoção dos trancos, e não dão a um homem a figura de um boneco de engonço a fazer caretas e a deslocar os ombros entre as almofadas de uma carruagem.

A boa sociedade não precisa passear; tem à sua disposição muitos divertimentos, e não deve por conseguinte invejar esse mesquinho passatempo do caixeiro e do estudante. O passeio é a distração do pobre, que não tem saraus e reuniões.

Entretanto, se por acaso encontrardes o diabo Coxo de Lesage, pedi-lhe que vos acompanhe em alguma nova excursão aérea, e que vos destampe os telhados das casas da cidade; e, se for noite em que a Charton esteja doente e o Cassino fechado, vereis a atmosfera de tédio e monotonia que encontrareis nessas habitações, cujos moradores não passeiam nunca, porque se divertem de uma maneira extraordinária.

Felizmente creio que vamos ter breve uma salutar modificação nesta maneira de pensar. As obras para a iluminação a gás do Passeio Público e alguns outros reparos e melhoramentos necessários já começaram e brevemente estarão concluídos.

Autorizando-se então o administrador a admitir o exercício de todas essas pequenas indústrias que se encontram nos passeios de Paris para comodidade dos frequentadores, e havendo uma banda de música que toque a intervalos, talvez apareça a concorrência, e o Passeio comece a ser um passatempo agradável. [...]

1. O que a expressão “macaqueamos os franceses”, no quinto parágrafo do texto 12, quer dizer?

Trata-se de uma expressão muito em voga no Brasil até a primeira metade do século XX e quer dizer “copiamos”. No contexto, “copiamos o que os franceses têm de mau” traduz a opinião de Alencar.

2. Em nosso tempo, nós, brasileiros, “macaqueamos” hábitos de outras nacionalidades?

Resposta pessoal. Vale lembrar aos alunos que uma das funções desse gênero híbrido que é a crônica — sendo um texto jornalístico e ao mesmo tempo um texto literário — também é registrar o pensamento de época.

3. Em “A boa sociedade não precisa passear; tem à sua disposição muitos divertimentos, e não deve por conseguinte invejar esse mesquinho passatempo do caixeiro e do estudante. O passeio é a distração do pobre, que não tem saraus e reuniões.”, José de Alencar trata a *flânerie* como discurso de classe. Explique, afinal, os motivos que levaram o autor a considerar o passeio distração de pobre.

318

Alencar tece uma afirmação irônica, uma vez que logo a seguir insinuará a monotonia das pessoas que não saem às ruas e freqüentam justamente “saraus e reuniões”.

4. Que acontecimento traz esperança ao autor de que o Passeio Público na cidade do Rio de Janeiro logo torne-se tão interessante como a cena parisiense?

O autor refere-se a certas obras públicas como se lê em “As obras para a iluminação a gás do Passeio Público e alguns outros reparos e melhoramentos necessários já começaram e brevemente estarão concluídos.”

TEXTO 13

A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS A RUA (FRAGMENTOS)

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

[...]

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benarés ou em Amsterdão, em Londres ou em Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. Não paga ao Tamagno² para ouvir berros atenorados de leão avaro, nem à velha Patti³ para admitir um fio de voz velho, fraco e legendário. Bate, em compensação, palmas aos saltimbancos que, sem voz, rouquejam com fome para alegrá-la e para comer. A rua é generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia ela. A rua é a transformadora das línguas. Os Cândido de Figueiredo do universo estafam-se em juntar regrinhas para enclausurar expressões; os prosadores bradam contra os Cândido. A rua continua, matando substantivos,

319

² Francesco Tamagno, tenor verdiano (1851-1905). Representou *O guarani*, ópera de Carlos Magno Gomos.

³ Adeliva Patti (1843-1919), uma das sopranos mais famosas de seu tempo.

transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros. A rua resume para o animal civilizado todo o conforto humano. Dá-lhe luz, luxo, bem-estar, comodidade e até impressões selvagens no adejar das árvores e no trinar dos pássaros.

[...]

Essas qualidades nós as conhecemos vagamente. Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flunar. É fatigante o exercício?

Para os iniciados sempre foi grande regalo. A musa de Horácio, a pé, não fez outra coisa nos quarteirões de Roma. Sterne e Hoffmann proclamavam-lhe a profunda virtude, e Balzac fez todos os seus preciosos achados flunando. Flunar! Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flunar? Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flunar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saúde, depois de ter ouvido *dilettanti* de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande tela paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja...

É vagabundagem? Talvez. Flunar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flâneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente

adiadas. Do alto de uma janela como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café, como Poe no *Homem das multidões*, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes.

É uma espécie de secreta à maneira de Sherlock Holmes, sem os inconvenientes dos secretas nacionais. Haveis de encontrá-lo numa bela noite numa noite muito feia. Não vos saberá dizer donde vem, que está a fazer, para onde vai. Pensareis decerto estar diante de um sujeito fatal? Coitado! O *flâneur* é o *bonhomme* possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão.

O *flâneur* é ingênuo quase sempre. Pára diante dos rolos, é o eterno “convidado do sereno” de todos os bailes, quer saber a história dos boleiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga idéia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio. O balão que sobe ao meio-dia no Castelo, sobe para seu prazer; as bandas de música tocam nas praças para alegrá-lo; se num beco perdido há uma serenata com violões chorosos, a serenata e os violões estão ali para diverti-lo. E de tanto ver que os outros quase não podem entrever, o *flâneur* reflete. As observações foram guardadas na placa sensível do cérebro; as frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical. Quando o *flâneur* deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia de observação... [...]

5. Em muitos momentos de sua crônica, João do Rio faz uso da prosopopéia e personifica a rua, ou seja, trata a rua como um ser vivo com atributos humanos. De que modo essas expressões revelam a opinião do autor sobre a *flânerie*?

A opinião do autor vê amparo nas ruas por ele descritas, uma vez que sustentam a cultura popular em detrimento da cultura pedante pseudo-erudita, como se vê, por exemplo, no seguinte trecho: “Os Cândido de Figueiredo do universo estafam-se em juntar regrinhas para enclausurar expressões; os prosadores bradam contra os Cândido. A rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicons futuros. A rua resume para o animal civilizado todo o conforto humano”.

6. Assim como José de Alencar, João do Rio estabelece comparações entre ruas de cidades de outros países e as ruas do Rio de Janeiro.

322

a) A quais cidades João do Rio compara o Rio de Janeiro?

Benarés, na Índia, Amsterdão (no Brasil, grafava-se Amsterdã), na Holanda, Londres, na Inglaterra, e Buenos Aires, na Argentina.

b) É possível afirmar que os autores possuem opiniões semelhantes quanto à *flânerie*? Justifique sua resposta a partir de elementos extraídos dos dois textos.

A opinião dos dois autores é a mesma, apesar de algum ceticismo de Alencar e do evidente entusiasmo de João do Rio. Em Alencar lê-se: “Sabeis o que é a *flânerie*? É o passeio ao ar livre, feito lenta e vagarosamente, conversando ou cismando, contemplando a beleza natural ou a beleza da arte; variando a cada momento de aspectos e de impressões. [...] O que há de mais encantador e de mais apreciável na *flânerie* é que ela não produz unicamente o movimento material, mas também o exercício moral. Tudo no homem passeia: o corpo e a alma, os olhos e a imaginação. Tudo se agita; porém é uma agitação doce e calma, que excita o espírito e a fantasia, e provoca deliciosas emoções”. Em João do Rio: “Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico”.

7. Destaque trechos no texto de João do Rio que aproximam o vagar pelas ruas da literatura.

“Para os iniciados sempre foi grande regalo. A musa de Horácio, a pé, não fez outra coisa nos quarteirões de Roma. Sterne e Hoffmann proclamavam-lhe a profunda virtude, e Balzac fez todos os seus preciosos achados flanando. Flanar!”

8. Levando em consideração a questão anterior, aproxime a *flânerie* do modo como Brás Cubas, em suas memórias póstumas, desenvolve sua autobiografia e, por conseguinte, Machado de Assis desenvolve sua literatura.

Do mesmo modo como João do Rio descreve Balzac, Brás Cubas caminha aleatoriamente ao mesmo tempo em que tece suas “filosofias” e “achados”. Trata-se evidentemente de um caminhar de memória, uma vez que o protagonista encontra-se morto.

II – OS DEVANEIOS CIENTIFICISTAS

323

O século XIX está repleto de tentativas mais ou menos científicas de definir o mundo para além dos parâmetros religiosos. Machado de Assis, por intermédio de seu Brás Cubas, vale-se da linguagem científica para subvertê-la em benefício de suas ironias e, desse modo, desdenhar o entusiasmo burguês daqueles tempos em relação aos avanços científico-tecnológicos. O Humanitismo, a teoria das botas apertadas, a filosofia da folhas velhas, entre outras expressões, são aproximações, falseadas do discurso da Filosofia — inclusive sobrepondo-se a Aristóteles — destituindo-a de profundidade, bem ao modo de todo e qualquer cidadão que não necessitava comprar o pão com o suor do rosto.

Talvez a mais completa caricatura dos avanços da ciência, nas *Memórias póstumas*, seja a invenção do emplasto. Vejamos.

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma idéia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha idéia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.

9. Extraia do texto 14 a definição do emplasto.
“um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade.”

10. Que intenções Brás Cubas revelava ter com a invenção do remédio, quando vivo?

Intenção verdadeiramente cristã, já que era “destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade”.

11. Quais eram as reais intenções de Brás Cubas com a invenção do remédio, reveladas após sua morte?

Brás Cubas revela o gosto pela fama, ao que chamou de “amor da glória”.

III – POIS TOMA LÁ O EMBRULHO MISTERIOSO

325

12. Produção de texto: proposta de elaboração de uma página narrativa autobiográfica.

O estudo sobre o último capítulo das *Memórias póstumas* exercitou um jogo de “falsa contabilidade” a partir dos episódios da vida de Brás Cubas. Experimente, agora, realizar o mesmo jogo de contabilidade com os episódios de sua vida. Caso queira, crie uma personagem para assinar seu texto.





